

Memória (auto) biográfica como prática de formação

Vera Maria Antonieta Tordino Brandão¹

Resumo

Neste artigo apresentamos o projeto Memória Autobiográfica: Teoria e Prática, realizado na cidade de São Paulo, desde o ano 2000 e que utiliza a memória (auto) biográfica, como metodologia de (auto) formação e formação continuada, articulando estudos e discussões teóricas com o processo de revisão e re-elaboração dos projetos de vida-trabalho de uma perspectiva interdisciplinar, e dirigida a profissionais das áreas de saúde, educação e ciências sociais, atuantes junto ao segmento idoso ou em outros projetos de educação continuada.

Palavras-chave: Educação; Projetos; Grupos; Interdisciplinaridade; Memória autobiográfica.

Abstract

This article focuses the project *Autobiographical Memory: Theory and Practice*, that had been held in São Paulo, since 2000, by means of the (auto) biographical memory as a continuous (auto) education methodology, articulating studies and theoretical discussions with the process of revision and re-elaboration of life and work projects, in a interdisciplinarity perspective, of professionals from health, education an social sciences areas working with the elderly segment, or in others works groups projects.

Keywords: Education; Projects; Groups; Interdisciplinarity; Autobiographical memory.

1. Pedagoga - USP. Mestre e Doutora em Ciências Sociais - Antropologia, pela PUC/SP. Pesquisadora e Docente do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia - PUC/SP. Docente do Cogea - PUC/SP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (GEPI) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação - Currículo - PUC/SP. Idealizadora e docente da Oficina: Memória Autobiográfica - Teoria e Prática. Editora-assistente da Revista Kairós do PEPGG - PUC/SP. Membro da equipe mantenedora do Portal do Envelhecimento - PEPGG - PUC/SP. www.portaldoenvelhecimento.net.

Email: veratordino@hotmail.com

Introdução

Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis (Calvino,1990).

Apresentamos neste artigo o Projeto Memória Autobiográfica: Teoria e Prática, realizado na cidade de São Paulo (Brasil) desde o ano 2000, que propõe uma prática de formação continuada, auto-formação e pesquisa, utilizando a memória (auto) biográfica, dirigida a profissionais das áreas de saúde, educação e ciências sociais, atuantes junto ao segmento idoso ou em outros projetos de educação continuada.

As bases teóricas deste trabalho estão fundadas nos saberes disciplinares das ciências humanas - Antropologia, Memória Social, Filosofia, Gerontologia, Arte e Educação - e os fundamentos básicos da Neurobiologia e Psicologia.

Os objetivos propostos são: reavaliar os projetos de vida-trabalho dos profissionais e re-articular os saberes interprofissionais, visando à autoformação; subsidiar teoricamente os profissionais, tornando-os multiplicadores dessas práticas, para atuação em projetos de educação continuada e auto-formação; preparar, de modo dinâmico, para a escuta sensível das narrativas e o potencial dos trabalhos envolvendo a memória social e (auto) biográfica; ouvir a palavra do velho, incorporando-a ao saber gerontológico, ampliando o campo de estudos e pesquisas sobre o envelhecimento e suas práticas; estabelecer fundamentos teóricos para docência e pesquisa no eixo temático - Educação e Envelhecimento; formar multiplicadores da técnica - Oficinas Memória e Cultura subsidiando, metodologicamente, as pesquisas de campo no eixo memória (auto) biográfica.

Abordarmos neste trabalho o tema memória e, especificamente, memória (auto) biográfica e propomos, inicialmente, uma breve reflexão: O que é e como se formam as memórias? Quais os mecanismos que possibilitam seu resgate, e a memória autobiográfica? Qual o significado e por que ocorrem os esquecimentos?

Memória, Lembranças e Esquecimentos

O tema Memória sugere lembranças, reminiscências...Fatos que gostamos de lembrar - um presente ou data especial na infância. Quem sabe a primeira professora, o primeiro emprego ou, melhor ainda, o primeiro amor...

Mas, e o que não queremos e não gostamos de lembrar? Todas as decepções e perdas, nossos pequenos (e grandes) fracassos pessoais e profissionais. E quando queremos lembrar um fato alegre - nós assim cremos - e não conseguimos, vindo à tona em seu lugar, sem pedir licença, a tristeza de um fato há muito passado, e julgado esquecido, que aparece com uma força avassaladora?

O tema Memória sugere esquecimento, coisas que esquecemos no dia-a-dia - onde pusemos a chave, os óculos, o telefone de alguém próximo...Um compromisso! Como podemos esquecer?

“Estou com a memória ruim... Estou começando a ficar velho...”

“Estou estressado...muito trabalho! Esta cidade...!”

Gostaríamos de um remédio mágico para esses esquecimentos ou falhas de memória. Mas, e quando nos deparamos com alguém que não lembra mais onde está, quem é, nem reconhece os filhos - “esqueceu-se de si” ?

Memórias, lembranças. Memórias, esquecimentos. Mas o que é a Memória?

Segundo Izquierdo (2004) memória é a aquisição, conservação e evocação das informações, dos fatos vividos por cada indivíduo. Diz ainda que “nada somos além daquilo que recordamos”.

Notamos ser esse o tema mais comum nas conversas com pessoas acima dos 60 anos, e sempre que abordado a frase mais ouvida é: “Estou tão esquecido! Lembro bem de fatos antigos, mas não sei o que comi no almoço!”. Ou, entre profissionais: “Sou tão jovem...acho que não tenho nada de importante ou interessante para contar!”.

Mas, e os esquecimentos? Segundo Izquierdo, o esquecimento, fora os ocasionados por danos neurológicos, é uma arte. Afirmo o autor que “esquecemos para poder pensar, esquecemos para não ficarmos loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver”.

A memória como função orgânica é abordada, preferencialmente, na área médica e, nessa perspectiva, as perdas e os enfraquecimentos estão habitualmente relacionados ao envelhecimento e/ou a causas neurológicas, mas também a outros fatores como *stress*, depressão, alcoolismo, drogas, anemia, infecções, entre outros fatores.

O mesmo autor afirma que a formação das memórias, e sua extinção - os esquecimentos - dependem de um sistema complexo, e que a formação das memórias de longa duração “dependem de forma direta das modificações bioquímicas estruturais, derivadas por sua vez, da síntese de novas proteínas durante e depois da formação de cada uma delas”.

Para que esse mecanismo se complete são três os passos: - “a codificação de informações” - elas chegam ao cérebro através dos órgãos dos sentidos; “a armazenagem das informações” - elas são codificadas, estruturadas e armazenadas no cérebro (em diferentes áreas); “a manutenção e recuperação das informações” - transformação das informações em lembranças permanentes, passíveis de recuperação - a memória de longa duração, autobiográfica.

Diz Izquierdo que as memórias não são adquiridas imediatamente na sua forma final. Durante os primeiros minutos, ou horas, após sua aquisição, elas são suscetíveis à interferência por outras memórias, por drogas ou por outros tratamentos. De fato, a formação de uma memória de longa duração envolve uma série de processos metabólicos no hipocampo, e em outras estruturas cerebrais, que compreendem diversas fases e que requerem entre três e oito horas. Enquanto esses processos não estiverem concluídos, as memórias de longa duração são instáveis. O conjunto desses processos e o seu resultado final denomina-se consolidação. A memória autobiográfica tem como ponto de apoio essas memórias consolidadas.

O autor afirma, também, que os estudos na área mostram que existe uma rede no cérebro responsável pelo processo das recordações e que as memórias de curta e longa duração usam as mesmas células, mas enzimas diferentes, por isso são independentes. Mas, como ele afirma, um acontecimento só é mantido na memória, e passível de ser recuperado, se for acompanhado de uma forte carga emocional.

As memórias emocionais são gravadas juntamente com a emoção que as acompanha, e da qual boa parte consiste, o que implica que foram guardadas num momento de hiperatividade dos sistemas hormonais (idem, p. 31).

No entanto, como veremos adiante, o fato de termos memórias de longa duração, consolidadas, não nos faculta o acesso a elas sempre que desejado, já que mecanismos inconscientes, e outros, também atuam nesse processo.

Constatamos, por meio dessas breves considerações, baseadas nos estudos de Izquierdo, que quando abordamos o tema da memória entramos no terreno complexo e altamente especializado das neurociências, e indicamos sua obra para um aprofundamento nesta perspectiva.

Mas, neste artigo, focamos as memórias de longa duração, consolidadas e que, moduladas pela emoção, tornaram-se memórias passíveis de serem recuperadas - as memórias (auto) biográficas, sócio-culturais e afetivas, em seu potencial (trans) formador.

Memória Autobiográfica. Teoria e Prática - O Projeto

Esse projeto busca elaborar uma metodologia de formação continuada, auto-formação e pesquisa¹ para profissionais das áreas de saúde, educação e ciências sociais atuantes junto ao segmento idoso, ou em projetos de educação continuada, sensibilizando-os para uma atitude de escuta e respeito - uma perspectiva mais humanística - para com todos os indivíduos, considerando-os como portadores de experiências, saberes e histórias únicas e significativas. Essa metodologia procura, também, alcançar uma atitude interdisciplinar², ante esses vários saberes disciplinares e a inter-relação dinâmica destes e das memórias autobiográficas.

Na atuação junto aos indivíduos em processo de envelhecimento, enfatizamos a necessidade de uma mudança de perspectiva, por meio da escuta das suas histórias, o que pode trazer benefícios e melhoras significativas no seu atendimento, e conseqüentemente, uma recuperação mais rápida - efetiva e afetiva.

Como afirmam Argoud e Puijalon (1999)³ a velhice deve ser compreendida ao mesmo tempo em que explicada e,

[...] se o envelhecimento é uma realidade para cada indivíduo, ela deve ser dita na primeira pessoa e vista na perspectiva e no movimento da história individual e singular de cada um. Ouvindo o idoso, o olhar que teremos sobre ele, e o envelhecimento, não será jamais o mesmo.

Como ressaltam as autoras, essa observação é pertinente em relação a alguns trabalhos e pesquisas em Gerontologia que falam sobre os idosos, de uma perspectiva externa a eles, mas não ouvem sua própria voz. Ele é “o outro”, visto apenas como “objeto de estudos”, e suas palavras aparecem, freqüentemente, codificadas e mesmo deturpadas nos resultados finais das pesquisas. Ouvindo os velhos e a voz do ser ainda desejante, senhor de sua vontade, valorizando suas histórias, podemos fortalecer a auto-estima e sentido de pertencimento, mesmo considerando algumas perdas inerentes ao processo de envelhecimento. Respeitando as individualidades e subjetividades, dos sujeitos e de suas narrativas, estabelecemos o conceito de velhos e velhices, em seu sentido plural, ampliando as possibilidades de estudos e pesquisas na área.

No trabalho realizado junto aos profissionais, nas Oficinas Memória Autobiográfica: Teoria e Prática⁴, tomamos contato com a diversidade, a riqueza e a complexidade das experiências pessoais e profissionais, habitualmente perdidas nos contatos efêmeros mantidos cotidianamente, seja entre colegas de trabalho ou com as pessoas da convivência próxima. Temos, diante de nós, o tesouro das “vidas vividas” que, partilhado, traz não só a possibilidade de ressignificação, pessoal e profissional, mas também a de mobilização para a reflexão de outros, mostrando modos próprios de construção do saber. Fruto de estudos formais e informais e das reflexões, esse saber inclui também os resultados de todas as aprendizagens cotidianas, nas trocas ocorridas nos “entretempos” e nas articulações pessoais a partir daí elaboradas.

Os relatos das experiências de vida-trabalho fornecem um sentido de pertinência ao profissional-narrador, abrindo a possibilidade de novas reflexões a ele, ao grupo do qual participa e aos pesquisadores. Possibilita também uma abertura para a compreensão das trajetórias dos indivíduos e das culturas, no contexto de uma sociedade de mudanças em tempo acelerado.

No trabalho diário, ao lado das “queixas” dos esquecimentos, dos silêncios elaborados, ou resultado da falta de espaço de compartilhar, encontramos um rico canal de comunicação, compreensão e estímulo não só para os idosos, mas também entre os profissionais, que resgatam, relatam

e ressignificam suas memórias (auto) biográficas de vida-trabalho. Esses relatos são construções subjetivas e não permitem estudos estatísticos e quadros numéricos, mas trazem ao presente, como temos observado nesses 12 anos de prática, uma força vital, que pode ser avaliada, qualitativamente, nos resultados dos projetos e nos inúmeros depoimentos recolhidos nesse período⁵.

A experiência trazida por essa praxis, nos incentiva ao estudo e pesquisa do tema, em uma das abordagens possíveis: as representações sociais da memória autobiográfica, e sua relevância enquanto constitutiva das identidades e historicidade dos indivíduos e dos grupos. Abordamos a memória autobiográfica em sua dimensão sócio-afetiva - individual e coletiva - e seu potencial na busca dos sentidos das trajetórias, em um processo de (re) conhecimento e ressignificação, para a educação continuada e (auto) formação.

Os depoimentos e os resultados da atuação, junto aos profissionais de diferentes áreas, evidenciam essa perspectiva e apontam para o enriquecimento trazido pelos múltiplos olhares “disciplinares” sobre um mesmo tema, e trazem a constatação da falta de espaço para reflexões aprofundadas e articulações, seja nas reuniões de equipe ou nos cursos. Eles afirmam que, muitas vezes, uma atitude de passividade e conformismo se estabelece, retardando, ou mesmo impedindo, tanto a reflexão como uma prática renovadora. O espaço de estudo, reflexão, escuta, troca de saberes e experiências de vida-trabalho, promovido pelo projeto, valoriza os profissionais e suas práticas, é facilitador do processo de (auto) formação e incentiva a pesquisa. Eles descobrem novas possibilidades que respondem, ao menos em parte e de forma prática e objetiva, à questão complexa da construção do saber, de si e dos outros⁶.

Respeitando esses saberes “disciplinados”, inerentes à formação profissional, constatamos na prática docente e nos trabalhos de pesquisa o instigante desafio de utilizar a memória autobiográfica como metodologia de (auto) investigação e formação. Vislumbramos a possibilidade da construção de um saber abrangente, que contemple - observadas e contextualizadas as dificuldades a ele inerentes - uma maior diversidade de inter-relações entre os sujeitos e seus saberes-fazer. Essa abordagem busca, também, compreender a sociedade, na qual vivemos e trabalhamos, como construção e constructo humanos, no sentido de *complexus* - o que foi tecido junto, como indica Morin (2001).

Na trama das narrativas (auto) biográficas - tecidas pelos profissionais narradores - encontramos elementos que indicam um necessário saber articulador. Trazidas pela memória, as experiências de vida-trabalho devem ser consideradas não como portadoras de soluções já prontas, e “sim como um problema criativo susceptível de abrir novas possibilidades”. (Santos, 2000).

Acreditamos na força, verdade e consistência dessas construções de significados, que incorporam todas as experiências e saberes adquiridos ao longo da vida, nas universidades, nas diferentes profissões e nas práticas cotidianas. Se, como diz Santos, “todo conhecimento é autocognhecimento”, ao focarmos as narrativas, nas quais se espelha esse processo, e onde se articulam as reflexões teóricas, pretendemos, a partir das palavras e ações, iluminar a docência e a pesquisa, e, assim, refletir sobre o que é, e como se constrói o saber, e sobre as possibilidades que indicam para um processo de autoformação, em vários níveis, por meio da autobiografia⁷.

Enfocando a memória autobiográfica como metodologia de investigação-formação, na perspectiva do indivíduo que é objeto e sujeito da formação, Josso destaca o conceito de projeto, como possibilidade de ampliação dessas discussões, e aponta a história de vida como método de investigação-formação, e afirma:

[...] as histórias de vida postas ao serviço de um projecto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projecto no qual elas se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus registos, todas as dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria (2002, p. 21)⁸.

Seguimos essa proposta da investigação-formação nos trabalhos de docência e pesquisa, com o resgate das trajetórias e dos projetos de vida-trabalho, por meio das narrativas autobiográficas, em grupos de profissionais de várias áreas do conhecimento.

Constatamos que os relatos indicam a riqueza de conhecimentos dos quais eles são portadores, ressaltando o seu potencial como referência para a compreensão e articulação de um conhecimento ampliado e emancipatório (Santos, 2000).

Essa abordagem também possibilita observar a construção do conhecimento “de dentro” - ou do centro do “nó górdio” sem desatá-lo - como propõe Pineau (2000), em sua metáfora da compreensão do sentido, numa perspectiva inter/transdisciplinar⁹.

O aporte teórico trazido pela sociologia a essa discussão baseia-se em duas obras de Maurice Halbwachs (1877-1945), consideradas clássicas: *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925) e “A Memória Coletiva”, esta traduzida e publicada postumamente, cuja primeira edição é de 1950.

Segundo o autor, quando resgatamos as narrativas dos sujeitos, trabalhamos com a lembrança única, a experiência solitária da qual o informante é a única testemunha. Mas, não podemos esquecer que o “eu” faz parte de uma comunidade afetiva que contém e traz todo o contexto das situações sócio-familiares partilhadas, por e com outros membros do grupo.

Essas lembranças, que fazem parte da lembrança individual são, muitas vezes, incorporadas como tais porque nos apropriamos dos relatos contados por pais, tios, avós, sobre fatos vividos no seio da família e, posteriormente, ao longo da vida pelos colegas de escola, de trabalho ou outros grupos sociais dos quais fazemos parte.

“Nunca estamos sós” -, diz Halbwachs, reforçando sua tese de que toda a lembrança, mesmo tida pelo indivíduo como única, prende-se de alguma maneira ao contexto social mais amplo. Lembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente, é uma lembrança consciente. Ela também se apóia no tempo socialmente referido - a memória está no grupo - e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto.

O projeto que apresentamos, realizado inicialmente com os grupos de idosos e posteriormente com profissionais, apóia-se parcialmente nessas reflexões, mas tem o sentido ampliado porque, além do resgate individual, propõe um processo de reconstrução e resignificação das histórias e identidades, redefinindo para e com os participantes seu lugar social e suas relações com os outros (Pollack, 1989).

Esse processo, apoiado na memória autobiográfica, aponta para a identidade como categoria dinâmica - construída, múltipla e passível de ser atualizada - e a maneira como ela acompanha a construção de um sentido para trajetória de vida narrada como uma história. Entendemos por trajetória de vida ou trajetória identitária o processo de apreensão da realidade da qual cada indivíduo, mergulhado numa cultura (social ampla e familiar), abstrai, a partir de sua percepção única, reordena e transforma em um projeto, profissão, modo e estilo de vida. O indivíduo é influenciado e influencia, formando um elo numa corrente sem fim, o que chamamos “saber”, que constrói e dá sentido à trajetória humana. A memória estabelece, pois, nossa identidade e, como diz Izquierdo, “somos quem somos porque nos lembramos... a memória estabelece nossa individualidade”.

No trabalho com grupos, no partilhar das experiências vividas, vemos a formação de uma nova comunidade afetiva em que se cruzam as memórias individuais e coletivas, trazendo os saberes-fazer e o passado, atualizados pelo presente, processo que se mostra adequado à revisão e reavaliação dos projetos de vida-trabalho de todos os envolvidos.

Podemos observar, a partir da prática, como, estimulados com a idéia de rememorar, os participantes - profissionais e idosos - tecem novas teias de relacionamentos no interior do grupo com a descoberta de mesma origem - cidade, região, país - mesmas crenças; mesma profissão; na partilha de períodos de dificuldades e mudanças sócio-políticas, e nas dúvidas e desafios vividos profissionalmente.

No grupo de profissionais partilham-se, também, os questionamentos em relação aos projetos de trabalho específicos e, muitas vezes, um certo desencanto decorrente de uma prática rotineira e instrumental. Compartilhar os momentos difíceis, passados e ultrapassados, deixa fortes marcas e aproxima o grupo, dando a todos um sentido de pertencimento à humanidade comum, com suas dúvidas, desejos, alegrias, frustrações e conquistas.

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo - tempo presente no grupo - dando lugar a uma nova solidariedade, que propicia a cada um, e ao grupo como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades e espelhada em muitos grupos, desaparece, surgindo uma nova trama de relações.

Podemos notar, no decorrer dos encontros, um fio que percorre as histórias individuais, mesclando os projetos de vida-trabalho, ligando-as a um contexto social - passado / presente - e que se projeta para o futuro. Os grupos, formados aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados e, frequentemente, surgem novas amizades e parcerias profissionais, ampliando as possibilidades e projetos de trabalho, resultado do compartilhar das experiências e as reflexões daí decorrentes¹⁰.

A perspectiva de futuro surge, também, com a realização do trabalho documental - os cadernos de memória - brochuras que contêm os relatos escritos, as fotos, as receitas, as canções, as avaliações e os projetos de trabalho, entre outros; o que transforma os participantes em narradores e produtores culturais trazendo para a comunidade as trajetórias de vida-trabalho vistas “de dentro”.

Uma das marcas do projeto, como visto acima, é a utilização dos conceitos de ressignificação e memória afetiva positiva no resgate dessas trajetórias. Consideramos que ressignificar é um processo de atualização das histórias, das identidades e dos projetos, vistos em sua dinâmica, já que se atualizam ao longo da vida, dependendo dos papéis que assumimos ou abandonamos, ligados aos espaços sociais e profissionais que ocupamos.

Como diz Thomson (1997) “compomos” nossas lembranças para dar um sentido a nossa vida passada e presente¹¹.

Ao rememorar e relatar, o indivíduo usa o presente no qual se encontra, para situar-se. Ele fala de um *locus* específico, e assume o papel do clássico “narrador” da história, como proposto por Benjamin (1994)¹².

O conceito de memória afetiva positiva alia-se à perspectiva do desejo - o que ainda posso e quero fazer -, não da mesma maneira, porque estamos permanentemente em processo de mudança - nós, os nossos planos e também o mundo em que vivemos. Mas, tendo clareza das reais possibilidades, essa ressignificação, pode levar-nos a elaborar projetos futuros.

Ao longo do processo, às questões propostas pela teoria soma-se a prática de cada profissional e suas trajetórias pessoais, que se explicitam nas vivências das Oficinas, abordagem facilitadora para a construção de um conhecimento que emerge do grupo de formação, e que pode ser levada, posteriormente, aos grupos de atuação. Consideramos que a partir do estudo, reflexão e vivências construímos um espaço no qual os profissionais vão re-elaborar modos próprios de atuação atentos, sobretudo, às necessidades dos grupos, dando voz e vez aos idosos, alunos, pacientes, ou aos outros profissionais da sua equipe de trabalho.

O processo vivido por cada um, e pelo grupo como um todo, é o que realmente merece ser apreciado e valorizado. Neste, o respeito e a ética formam a base para que os relatos das experiências, as dúvidas e as questões possam surgir. A proposta de trabalho é: leitura de textos teóricos, reflexão e discussão, articulação com as histórias e as práticas (saberes-fazer) de cada um trazidas ao grupo. Ser escutado e escutar. Desenvolver uma escuta sensível de si e dos outros (Barbier, 1998). Posteriormente, escrever as reflexões e compartilhá-las com o grupo, material que formará o caderno de memórias, concretização de parte do processo possível de ser desvelado.

A vivência no grupo traz um aprofundamento das experiências e leva o profissional a repensar o sentido de seu projeto de vida-trabalho, e de seu “ser e estar” no grupo social onde vive e atua profissionalmente. Acreditamos que só com uma articulação entre vida-trabalho-vida, um dando sentido ao outro - tendo o profissional a consciência dessa articulação e fazendo dela um exercício diário - podemos pensar num processo de construção de sentido da (auto) formação e pesquisa, frente às aceleradas mudanças desta que é dita “a sociedade da informação”.

Memória Autobiográfica - a revisão das trajetórias e a busca de sentido.

No trabalho com memória autobiográfica observamos como as marcas que as sensações - internalizadas, re-elaboradas subjetivamente e vividas em certo meio cultural - transformam-se em um saber próprio, auto-referenciado. Consideramos, assim, que toda a memória é conhecimento, como processo de aprender-ensinar-construir. Fazer, desfazer, refazer (se) - uma investigação, por meio da autobiografia, do sentido de nossas escolhas e das trajetórias seguidas.

Uma (re) visão aberta e ampliada da trajetória, que (re) visite as escolhas feitas e as ações delas decorrentes, requer a consciência da dimensão dos tempos vividos. Devemos voltar nos passos dados e perguntar: qual o sentido dos projetos de vida-trabalho que nos têm nos guiado? No que mudamos, nós e nossos projetos? O que conservamos do sentido-paixão que nos fez trilhar esse caminho? Quais os desvios feitos? O que fizemos do nosso projeto, enquanto aposta existencial?¹³

Utilizamos o termo sentido de forma ampla: como sensação, como significação e como direção (Pineau, 2000). Assim, tudo o que permanece em determinada cultura, e nos indivíduos, tem como primeiro registro a sensação - o que primeiro “impressiona” e deixa marcas, do e no mundo exterior. Nada fica registrado se não tiver passado pelo crivo da emoção - fica o que significa. Permanece aquilo que tem um sentido-significado e aponta uma direção.

Na busca de sentido, fazemos uma abordagem exploratória - a aventura do conhecimento - considerando como bagagem tudo o que adquirimos, formal e informalmente, e todas as experiências da nossa trajetória até então. Dizem Lévy e Authier:

Toda a minha vida está impregnada de saber[...] porque a linha da existência está sempre duplicada por uma linha de conhecimento que a recruza, a desposa e a ilumina. Porque o saber é uma dimensão do ser (1995, p. 100).

Somos, assim como nossas escolhas, o resultado de nossas experiências pessoais, objetivas e subjetivas, em meio a uma teia de relações sociais. São fios que se entrecem interna e externamente, formando um tecido sobre o qual acontecem as escolhas sendo, parte da trama, tecida por nosso imaginário e o da cultura da qual fazemos parte.¹⁴

Com a revisita periódica às trajetórias e aos projetos de vida-trabalho, por meio da memória autobiográfica, seja com os idosos ou com os profissionais, estaremos em ação, em movimento - a caminho do re-encontro dos sentidos e de suas rearticulações, sempre necessárias, a serem feitas ao longo da vida.

Na sociedade em que vivemos - de consumo, alta tecnologia e tempo acelerado - pode parecer contraditório a utilização da perspectiva autobiográfica na busca dos sentidos, por meio das narrativas. No entanto, é exatamente por meio dela que procuramos encontrar e explicitar um entendimento interno, e um sentido ampliado para o ser-estar no mundo, com os nossos saberes-fazer. Nessa perspectiva vamos pesquisar o movimento desenhado pela prática, buscando o sentido amplo da trajetória, unindo saber e ação que se superpõem e retroalimentam, em um movimento incessante e infinito. É a possibilidade, na qual acreditamos, para o entendimento-ação na sociedade da sobremodernidade. Apesar das relações de incerteza que induz, das contradições e ambigüidades, estas contêm os germes de mudanças e encontram-se mesmo nas sociedades tradicionais consideradas mais estáveis.¹⁵

Observamos que a mudança está sempre presente, e na sua dinâmica potencial procuramos entender a realidade. A mudança, movimento mais incerteza, vivida na sobremodernidade, pode ser vista de maneiras opostas: sob um aspecto absolutamente positivo, em que tudo é possível graças aos avanços tecnológicos, numa visão instrumental do futuro, ou no seu contrário, pessimista, na qual predomina o caos / desordem e a perda de referências básicas como, por exemplo, a identidade cultural.

No entanto, esses aspectos não são excludentes ou opostos, mas complementares. São possibilidades que pulsam, latentes, em todos os grupos humanos. Usando a metáfora da bricolage, acreditamos que nada (dos restos) deve ser descartado, e tudo pode servir para a (re) construção. Na trama (de fios) ou mosaico (bricolage) - seja qual for a metáfora escolhida - temos a possibilidade de ver a tradição¹⁶, a experiência, ao lado da inovação tecnológica, sendo integrada num movimento de reconstrução e reorganização constantes.

Às questões já levantadas juntam-se as relativas ao lugar ocupado pela memória, que articula as experiências vividas e o imaginário da cultura¹⁷, como produção humana, sendo ela fundamental para uma investigação sobre a construção dos seres-saberes-fazer. Falamos de um saber da sobremodernidade, considerando que o termo propõe uma superposição, um trajeto construído e eternamente realimentado pelo ser humano que se move, indaga, aprende, reproduz, cria, recria, num tempo/espaço de vida, construção, busca e produção de um sentido que dá forma à cultura humana. A esse respeito, afirma Balandier (1997^a):

O homem se situa, se inscreve em seu meio e age sob o comando da razão comum, e mais ainda de suas próprias razões onde se misturam seus interesses, seus desejos, suas interpretações e suas crenças. O imaginário permanece mais que nunca necessário; é de algum modo o oxigênio sem o qual toda a vida pessoal e coletiva se arruinaria. É feito de todas as imagens que cada um cria a partir da apreensão que tem de seu corpo e de seu desejo, de seu ambiente imediato, de sua relação com os outros, a partir do capital cultural recebido e adquirido, bem como das escolhas que provocam uma projeção no futuro próximo (1997a, p. 232).

Para buscar o entendimento da construção dos sentidos, não só em termos da sociedade atual, mas procurando ver os elos da corrente, resgatamos a trajetória individual, sem esquecer que ela está entrelaçada com as trajetórias grupais¹⁸.

As afirmações dos teóricos contrapõem-se à objeção feita por aqueles que acreditam que falar em tradição e memória apresenta uma carga de passadismo e conservadorismo, e não corresponderia às necessidades de um mundo onde predomina o tempo acelerado das inovações.

Acreditamos que o passado, ou a tradição, elaborado e apresentado pela memória autobiográfica, é naturalmente incorporado à construção de sentido, na medida em que nos interessamos pela trajetória de vida-trabalho, com suas marcas individuais mescladas às histórico-culturais, vividas num tempo e espaço determinados, mas confrontada com o presente (da qual já faz parte como recomposição) e sempre em processo de ressignificação.

A inserção social da memória, vista como coletiva, deve ser considerada como uma possibilidade real, pois existe, mas não como algo que a limite. Fazemos parte dessa memória coletiva e histórica, mas cada olhar é único e reproduz uma visão, mas que não a explica nem esgota.¹⁹

A busca do sentido pode ser vista também no (re) conhecimento da trajetória em processo - porque articula passado, presente, futuro - pois o indivíduo nela busca o que já foi, ainda sendo, e o que não sabe o que será. Como um movimento pulsátil de contração (para dentro) busca refletida e descompressão (para fora) ação refletida.²⁰

A memória mostra-se, também, como instrumento fundamental na recomposição do imaginário, que realimenta a cultura, porque através dela os conteúdos vividos e retrabalhados pela subjetividade são trazidos ao presente e nele incorporados. A memória de todas as lembranças retidas

(de forma mais ou menos clara, com registros conscientes e inconscientes) pode ser invocada e aparecer prontamente ou nos tomar como uma força avassaladora, muitas vezes sem ser chamada, para reconstruir uma imagem, uma história e um personagem feitos de restos, num eterno trabalho de *bricolage*.

A memória autobiográfica poderia ser um “antídoto” contra o que Balandier chama de desencantamento da existência.²¹ Nos momentos de crise, quando tudo parece perdido, sem sentido e incerto, recorremos à memória e, através dela, ao imaginário da cultura para (re) compormos os horizontes.²²

Nesse contexto amplo, consideramos a memória autobiográfica como uma promissora possibilidade metodológica de formação continuada e auto-formação, instrumento de resgate das trajetórias e projetos, por meio das narrativas num tempo-espaço da cultura e com uma função ressignificante, ponte entre o passado e o futuro, que incorpora todo o vivido, re-construído e aponta para a compreensão de um sentido-saber rearticulado, refeito, religado.

Memória Autobiográfica - Linguagem, realidade e ficção.

Consideramos fundamental, neste ponto, salientar a consciência das limitações impostas a essa metodologia. Sabemos da subjetividade que a permeia e, portanto, da impossibilidade de uma avaliação objetiva, já que levamos em consideração a memória dos processos vividos. Devemos ter presente que um fato narrado é re-elaborado e reconstruído pelos vários mecanismos, conscientes e inconscientes, que atuam na formação, consolidação e recuperação das lembranças, tanto na perspectiva neurobiológica como na das influências do meio sócio-histórico onde vive o “sujeito de memória”.

Nessa perspectiva os esquecimentos, e os silêncios, têm um papel crucial. O que e quando falar ou calar? Gagnebin afirma que:

[...] o fluxo constitutivo da memória é atravessado pelo refluxo do esquecimento, e este não seria só uma falha, um “branco” de memória, mas também uma atividade que apaga, renuncia, recorta, opõe ao infinito a memória, a finitude necessária da morte e a inscreve no âmago da narração (1999, p. 3).

Nos relatos autobiográficos quanto de realidade existe nas figuras - personagens - e nos cenários? E qual o “papel” do narrador? Ao contar, o narrador - herói possível - reconstrói sua história e as figuras que dela fizeram parte, é o passado que, chamado e filtrado pelo presente, volta re-elaborado em sua verdade possível. Assim, como afirma Halbwachs, “para algumas lembranças reais junta-se uma massa compacta de lembranças fictícias”.²³

Assim, as verdades das narrativas devem ser analisadas considerando-se a complexidade dos sujeitos - suas ambigüidades, subjetivas e permanentemente (re) construídas. Estas se tornam palavras, signos de comunicação, de transmissão e preservação de um passado vivido e reconstruído no presente, por meio da linguagem, elemento socializador do homem e suas histórias. Através das palavras recompomos “magicamente” o passado, que incorpora também o sonho, a fantasia, o devaneio - o imaginário da cultura.

Diz Maturana que a existência humana acontece no espaço relacional do conversar, sendo a linguagem um fenômeno biológico relacional, porque se constitui por meio de uma interação entre conversar e emocionar, denominada por ele de *linguajar*, base da nossa humanidade que, fruto de convivência, aparece entrelaçado com o emocionar. Afirma o autor:

O que nos constitui como seres humanos é a nossa existência no conversar[...] e nas redes de conversações[...] parte de uma conversação em processo. Por causa do contínuo

entrelaçamento do *linguajar* e do emocionar, que implica o conversar, as conversações recorrentes estabilizam o emocionar que elas implicam[...] cultura nesta perspectiva, como rede de conversações, é uma configuração de coordenações de ações e emoções (Maturana-Zoeller, 2004, pp. 31-33).

Propomos, então, uma articulação entre as considerações de Maturana-Zoeller e o conceito semiótico de cultura, como proposto por Geertz, que considera o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu - teia de significados construída, como visto acima, por meio das redes de conversações, do *linguajar* e do emocionar - considerando, assim, a cultura como sendo essa teia, constituída pelas narrativas e suas análises.

A revisão e a re-significação da trajetória de vida-trabalho, por meio das narrativas, base dos projetos de educação continuada, autoformação e pesquisa - como propostas nas Oficinas Memória e Cultura e Memória Autobiográfica - inserem-se nas perspectivas teórico-práticas analisadas neste artigo, considerando a complexidade dos seres e saberes, e enfocando a “diversidade entre as várias maneiras que os seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las” (Geertz, 2001).

Aponta para a promoção de um saber ampliado, construindo no grupo pela palavra, e com ele, um trabalho interprofissional e interdisciplinar que, na prática, já se faz ver nos resultados de muitos projetos que seguem esses pressupostos.

Esses projetos, com base no estudo, na ética, no encontro entre indivíduos, buscam sentidos, nas memórias das trajetórias e nos projetos, a partir do presente, utilizando a memória autobiográfica, através do *linguajar* e da “escrita de si”, um caminho para expressão dos sujeitos em direção ao futuro.

Memória Autobiográfica como prática de formação - desafios e perspectivas.

O projeto Oficina Memória Autobiográfica – Teoria e Prática, iniciado no ano de 2000 envolveu, até o momento, cerca de 150 profissionais com o seguinte perfil: 30% psicólogos; 30% assistentes sociais; 20% pedagogas; 20% entre enfermeiras, fonoaudiólogas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, etc; 97% do sexo feminino e faixa etária de 23 a 78 anos (média de 45 anos).

Dos participantes cerca de 45% desenvolvem, ou já desenvolveram, diferentes atividades baseadas na metodologia proposta, seja com a técnica Oficinas Memória e Cultura, com idosos, ou na atuação com outros profissionais. Do número total, um está realizando um TCC em Terapia Ocupacional, e três efetuaram pesquisas de campo acadêmicas, utilizando a oficina de memória autobiográfica com técnica de pesquisa de campo, em 2 dissertações de mestrado em Gerontologia (área da Nutrição) e 1 tese de doutorado em Ciências da Saúde (Psicologia)²⁴.

O processo vivido, ao longo do trabalho, é complexo porque envolve a base disciplinar de cada profissional, novos estudos teóricos, reflexões, partilha, re-elaboração e construção coletiva de conhecimento.

Nas práticas são utilizados diferentes materiais de aquecimento, mote para as reflexões individuais, partilhadas com o grupo e transformadas em textos escritos. Essa articulação realizada em dois momentos distintos quando cada um, solitariamente, repensa e redige, e, posteriormente, fala ao grupo, proporciona um aprofundamento da reflexão e quase sempre se desdobra em outras lembranças muitas vezes complementares ou diferentes daquelas iniciais. Sempre como um aprofundamento na busca de sentidos e entendimento de si e do outro.

Interessante notar que tanto o material de aquecimento como os textos teóricos são lidos de modos diversos havendo, muitas vezes, motes diferentes para um mesmo texto. Esse processo que envolve diferentes leituras, reflexões, análises e discussões, enriquece a construção partilhada de conhecimentos.

Como esse é um trabalho que envolve docência e pesquisa vale ressaltar, neste ponto, a questão do método - como “caminho que se faz ao caminhar” - (Pais, 2000) entendido como um processo, e não como um dado apriorístico e, é nesse sentido, que consideramos a memória autobiográfica como possibilidade metodológica de (auto) formação, educação continuada e pesquisa.

Considerando a interdisciplinaridade uma atitude frente ao conhecimento, devemos pensá-la frente ao conhecimento em geral, nosso e do outro. Trabalhando com grupos, vamos ao encontro desses “outros” parceiros de trajetória com seus conhecimentos e saberes, adquiridos ao longo da vida. Utilizando o proposto por Quintás, vamos entrar em “um campo de realidade, onde se entrelaçam heranças biológicas, desejos, projetos, sentimentos, experiências”... Para que possamos ser depositários dessas experiências e histórias, devemos construir juntos um espaço onde seja possível criar com a pessoa “uma relação de autêntica convivência”. Um espaço que seria um “campo de jogo comum onde se daria uma experiência de mão dupla, quer dizer, reversível” (mimeo, s/d).

Muitos são os desafios e as possibilidades, como temos constatado ao longo desses anos de trabalho. Acreditamos que um dos principais desafios seja a validação do método autobiográfico na formação e na pesquisa, em sua “subjatividade explosiva”.²⁵ A aposta na atitude interdisciplinar também é um desafio que se impõe, devido à compreensão superficial e utilização inadequada do termo e, especialmente, dos conceitos que envolve, vulgarizando-os e deturpando-os. Aliados a esses desafios, trazemos o tema do envelhecimento humano ainda sinônimo de doença, perda e finitude. A perspectiva de uma renovação no ensino e na pesquisa na área gerontológica, que prepare o profissional para uma escuta sensível de si e do outro, incorporando a palavra do velho nessa construção, com o recurso da metodologia proposta, impulsiona esse projeto.

Mas, se queremos uma renovação, uma abertura e ampliação na compreensão dos sujeitos e sua expressão, incorporando-os, com seus saberes-fazer, nas práticas de educação continuada, (auto) formação e pesquisa, devemos com seriedade, rigor e ética continuar no caminho, aceitando seus desafios.

Conclusão

As oficinas Memória e Cultura, raiz desse projeto de formação, tiveram a participação de cerca de 300 indivíduos, com faixa etária entre 50 a 90 anos, de ambos os sexos, de diferentes profissões e graus de escolaridade. Continua sendo realizado na cidade de São Paulo, e em algumas cidades do interior do Estado. Seus resultados, parciais, evidenciam que o resgate e ressignificação das memórias (auto) biográficas, entre os idosos, estimulam a autonomia e a participação na vida comunitária, re-integrando-os e valorizando-os como cidadãos - produtores-narradores de sua história.

Outro desdobramento do projeto aqui apresentado é o Grupo de Estudos da Memória - GEM. Criado em 2001 e aberto a todos os profissionais que participaram da (auto) formação, propicia a continuidade dos estudos, pesquisas e produção de textos no tema Memória (Auto) Biográfica. Seu maior desafio é formar profissionais-pesquisadores, não vinculados à academia, inseridos no mercado de trabalho, que subsidiam o grupo com dados e demandas de suas áreas de atuação. O grupo é composto de 18 profissionais do sexo feminino, com idade média de 45 anos, sendo: 5 psicólogas; 3 professoras do ensino médio e superior; 4 pedagogas; 4 assistentes sociais; 1 enfermeira e 1 terapeuta ocupacional. Destes, 3 são mestres em Gerontologia e as líderes são doutoras em Serviço Social e Antropologia.

A pesquisa em andamento, iniciada em 2004, no tema: Envelhecimento, Memória e Espiritualidade²⁶, tem como objetivos: levantar, por meio da memória autobiográfica, dados sobre o significado da espiritualidade nas trajetórias de vida da população atendida; verificar seu impacto, positivo ou negativo, no processo de envelhecimento; verificar sua importância no desenvolvimento da auto-estima e os benefícios para a manutenção da saúde e qualidade de vida.

Concluimos assim que, apesar das dificuldades e desafios, os projetos: Memória e Cultura, dirigida aos idosos; Memória Autobiográfica - Teoria e Prática - dirigido aos profissionais; e o GEM, como grupo de pesquisa, têm atingido os objetivos propostos no que se refere às práticas de autoformação e educação continuada, com a revisão (auto) biográfica dos projetos de vida-trabalho; como instrumento de pesquisa de campo no estudo das temáticas da autobiografia e do envelhecimento; como recurso metodológico para os trabalhos em equipes multi/interdisciplinares; na melhoria da saúde e qualidade de vida dos indivíduos em processo de envelhecimento.

Partindo das diferentes áreas disciplinares do conhecimento, das possibilidades individuais, contemplando as diversidades, as subjetividades, podemos dizer que os projetos apresentados indicam as amplas possibilidades de uma construção coletiva do conhecimento, resultado do encontro, das trocas de saberes-fazer e da (re) construção proporcionada pela memória (auto) biográfica das trajetórias de vida-trabalho. Como de maneira feliz definiu uma aluna: a Oficina é lugar de grandes transformações

Notas Explicativas

1. Bueno destaca a importância, a “fertilidade”, e o caráter formativo do método autobiográfico, sem deixar de ressaltar suas dificuldades e limites. Apoiada em Dominicé (1990), entre outros autores, afirma que este método aponta para uma revalorização da experiência e evidencia “a forma pela qual o saber se forja nas situações concretas, como se constrói através da ação ou se desenvolve nos acontecimentos existenciais” (2002, p. 23).
2. Utilizamos o conceito de Interdisciplinaridade como uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão (FAZENDA, 2001b, p. 11).
3. Tradução livre da língua francesa para Resenha, efetuada por Brandão, publicada na Revista Kairós, ano 3, nº 3, 2000 (p. 126).
4. A Oficina Memória Autobiográfica - Teoria e Prática, idealizada e coordenada pela autora do presente artigo, teve como embrião o projeto, realizado a partir de 1994 em Universidades Abertas, denominado Memória e Cultura (projeto de intervenção e pesquisa, em andamento, conduzido atualmente por Patrícia Cabral e Rita Amaral). A partir do ano 2000, amparado pela prática e, teoricamente, pelos estudos desenvolvidos na dissertação de mestrado e na tese de doutorado em Antropologia, foi organizada a Oficina que objetiva a formação e/ou atualização de profissionais que trabalham com as questões do envelhecimento humano e da educação continuada. Inicialmente, os grupos eram formados especialmente com profissionais ligados à área do envelhecimento, mas nos últimos anos esse perfil ampliou-se, com um crescente interesse por parte daqueles que trabalham com grupos no geral, na docência universitária, e outros em fase de revisão dos projetos de vida-trabalho. Esse projeto desenvolve-se no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento - NEPE - ligado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP.
5. Sobre a questão da pesquisa do método biográfico ver Ferrarotti, 1988.
6. Os trabalhos desenvolvidos por Belmira Bueno, Ivani Fazenda, Marie-Christine Josso, Antonio Nóvoa, e Gaston Pineau, entre outros, fundamentam teoricamente este projeto.
7. Segundo afirma Josso, os trabalhos nessa área, desenvolvidos por sua equipe na Universidade de Genebra, foram influenciados, entre outros autores, pela obra de Edgar Morin - O Método. Ela afirma que a partir desses estudos os pesquisadores vislumbraram [...] um novo horizonte teórico no campo da educação de adultos para uma abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida.... As relações entre histórias de vida e projeto podem ser apresentadas em torno de dois eixos que se nutrem mutuamente: a busca do projeto teórico de uma compreensão biográfica da formação e, a fortiori, da autoformação mediante os procedimentos de pesquisa-formação de um lado, e, de outro, o uso de abordagens biográficas postas a serviço de projetos – projeto de expressão, projeto profissional, projeto de reinserção, projeto de formação, projeto de transformação de práticas, projeto de vida (1999, p. 14).
8. A respeito desse tema a obra Antropologia do Projeto, de Jean-Pierre Boutinet, é referência fundamental, ampliando essa discussão (ver indicação bibliográfica final).
9. Os conceitos e a discussão sobre multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, e seus usos, podem ser encontrados em Brandão, 2005.
10. Esta possibilidade confirma-se em muitas novas parcerias em projetos de trabalhos realizados, especialmente,

- entre os participantes do Grupo de Estudo da Memória - GEM, formado pelos egressos deste projeto de formação continuada, a partir do ano 2001, confirmando um de seus objetivos.
11. Completa o autor: “Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Este sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade” (idem, p. 57).
 12. Afirma o autor: “[...] o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (idem, p. 201).
 13. Afirma Boutinet: “Trata-se sempre do projecto de um sujeito, que estabelece uma relação preferencial com certos objectos. Este projecto, que antecipa, permite modalizar a experiência passada, dando ao actor a possibilidade de melhor compreender, de melhor se reapropriar do seu projecto pessoal, que é um trajecto incessantemente orientado”.
 14. Tomamos como ponto de apoio a definição de Geertz: “O conceito de cultura que eu defendo... é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas uma ciência interpretativa, à procura de significados” (1989, p. 15).
 15. Afirma Balandier: “A antropologia reconhece na tradição uma carga de modernidade, pois toda a sociedade traz em si potencialidades alternativas; estas, em certas condições históricas, podem se tornar a fonte de identidades”.
 16. Diz Balandier: “Tradição é uma reserva de símbolos e de imagens, mas também de meios que permitem apaziguar a modernidade [...] pode ser vista como texto constitutivo de uma sociedade, texto segundo o qual o presente se encontra interpretado e tratado” (1997b, p. 39).
 17. Sobre o tema, esclarece Balandier: “As produções do imaginário tomam forma, materializam-se nas instituições e nas práticas, mas, ao mesmo tempo, elas são tratadas em proveito da ordem social e do poder que a guarda” (1992, p. 27).
 18. Citamos Rousso: “A memória [...]. é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas do indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda a memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana ... Ela constitui... um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (1996, p. 94).
 19. Portelli, ainda esclarece a respeito do papel da memória e do uso da expressão memória coletiva: “Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais... (e que)... à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas [...] as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou superpostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são - assim como as impressões digitais ou ... as vozes - exatamente iguais” (1997, p. 16).
 20. Como diz Balandier, citando Foucault: Considerar aquilo que somos em vias de cessar de ser, tratar... do “atual”, quer dizer, daquilo que estamos em vias de nos tornarmos (1997b, p. 254).
 21. Afirma Balandier: “Esse desencantamento progressivo da existência humana torna rarefeitas as fontes do imaginário que se constituiu e se enriqueceu ao longo dos séculos ou milênios, que foi provocador de obras de cultura, inclusive mais populares” (1997b, p. 227).
 22. A memória teria também uma função libertadora e criadora, pois, como diz Bergson, graças a ela a consciência retém cada vez melhor o passado para organizá-lo com o presente em uma decisão mais rica e mais nova (1990, p. 204).
 23. Neste sentido trazemos as considerações de Guimarães dos Santos que afirma, enfocando também o aspecto psicoterapêutico da abordagem autobiográfica: “A memória autobiográfica, tal como a concebe o Enfoque Compreensivo, é uma espécie de síntese extremamente complexa e dinâmica - já que ela se transforma o tempo todo - de todos os relatos, de todas as histórias - mais ou menos históricas, mais ou menos coerentes, mais ou menos conscientes, mais ou menos compatíveis entre si - que contamos sobre nós mesmos e sobre a nossa trajetória no mundo, histórias nas quais cremos com graus variáveis de certeza e que nos constituem tanto quanto são por nós constituídas” (2005, p. 63). O conceito de Enfoque Compreensivo encontra-se desenvolvido no esclarecedor artigo do Dr. Cláudio Guimarães dos Santos - Envelhecimento, memória e psicoterapia - publicado na Revista Kairós, vol.8, nº 1, 2005.
 24. Mestrados apresentados no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP: Memória e alimentação: testando uma nova técnica. (2002) Vera Silvia Frangella. Orientadora: Maria Helena Villas Boas Concone; A

alimentação na promoção da saúde em idosos hipertensos: testando uma nova técnica. (2002) Lucy Aintablian Tchakmakian. Orientadora: Maria Helena Villas Boas Concone. Doutorado apresentado à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, área de concentração em Ciências Biomédicas: Oficina de revisão de vida e bem-estar subjetivo em mulheres idosas: Um estudo sobre um método de intervenção psicológica. (2005) Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão. Orientador: Joel Sales Giglio.

25. Segundo Ferrarotti, o método biográfico utiliza dados biográficos primários, aqueles recolhidos pelo investigador diretamente do narrador, e os dados biográficos secundários, que seriam os documentos auxiliares: cartas, fotos, etc. Estes dados são complementares, mas o autor afirma: “Devemos abandonar o privilégio concedido aos materiais biográficos secundários! Devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva... sobretudo sua pregnância subjectiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre narrador e observador” (1988, p. 25).

26. O projeto teve início com o estudo da bibliografia referente à metodologia de pesquisa qualitativa, e no ano de 2005 dedicou-se à pesquisa bibliográfica, leitura, discussão e produção de textos, individuais e em grupo, relativo ao tema específico - memória, envelhecimento e espiritualidade. No ano - 2006, além do prosseguimento dessas atividades, a produção escrita do grupo será sistematizada em um artigo teórico inicial, base para construção de um instrumento de pesquisa-piloto. O objetivo final é uma pesquisa ampliada e a elaboração de um documento, a partir dos resultados obtidos, prevista para o final de 2007.

Referências

BALANDIER, Georges. *O Poder em Cena*. Brasília: UNB, 1992.

_____. *O Contorno: Poder e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997a.

_____. *A Desordem: Elogio do Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

BARBIER, René. A Escuta Sensível na Abordagem Transversal. In: Barbosa, J.G. *Multireferencialidade nas Ciências e na Educação*. São Carlos: EDUFScar, 1998.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. In: *Obras escolhidas*, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução: Paulo Neves. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANDÃO, Vera M.A. Tordinio. *Memória, Cultura, Projeto de Vida*. 1999. Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia. PUC-SP, São Paulo.

_____. Os fios da memória na trama da cultura. *Revista Kairós: Gerontologia*. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, v.2, nº 2, 1999.

_____. A palavra dos velhos: resultados, análise, práticas (resenha) - obra: La parole des vieux: enjeux, analyse, pratiques. Dominique Argoud e Bernadette Puijalon. Paris. Dunod/Fondation de France, 1999 - in *Revista Kairós: Gerontologia*. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, ano 3 - nº 3, 2000.

_____. Memória e sensações - realidade e ficção. *Revista Kairós: Gerontologia*. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, vol.4, nº 2, 2001.

_____. Oficina de Memória - teoria e prática: relato da construção de um projeto. *Revista Kairós: Gerontologia*. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, vol.5, nº 2, 2002.

_____. *A Construção do Saber. Desafios do Tempo*. 2004. Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia. PUC-SP, São Paulo.

_____. Memória Autobiográfica: Reflexões. In Corte, B; Mercadante, E; Arcuri, I. *Complex(idade). Velhice e Envelhecimento*. São Paulo: Vetor, 2005.

BOUTINET, Jean-Pierre. *Antropologia do Projeto*. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1990.

BUENO, Belmira. et. al. *A Vida e o Ofício dos Professores*. São Paulo: Escrituras, 2000.

_____. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Revista da Faculdade de Educação - USP*, São Paulo, jan/jun, 2002.

- CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Papyrus, 2001a.
- _____. (org.) *Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001b.
- _____. *Interdisciplinaridade. Um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 2002.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In Nóvoa, A. e Finger, M. *Método (auto) biográfico e a formação*. Cadernos de Formação, nº 1. Lisboa, março de 1988.
- GAGNEBIM, Jeanne M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GUIMARÃES DOS SANTOS, Cláudio. Envelhecimento, memória e psicoterapia. *Revista Kairós: Gerontologia*. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, Educ, vol. 8, nº 1, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.
- _____. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- IZQUIERDO, Ivan. *Tempo e tolerância*. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. *Memória*. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- _____. *Questões sobre memória*. São Leopoldo. RS: Editora Unisinos, 2003.
- _____. *A arte de esquecer*. Cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2004.
- JOSSO, Marie Christine. *Cheminer vers Soi*. Lausanne, Suisse: L'Age d'Homme, 1991.
- _____. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Revista da Faculdade de Educação - USP*. São Paulo, 1999.
- _____. *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa, 2002.
- LÉVY, P. e AUTHIER, M. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 1994.
- MATURANA, Humberto e VERDEN-ZOELLER, Gerda. *Amar e Brincar*. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PAIS, José Machado. Viajando o cotidiano e seus enigmas. *Revista Margem*, n.12, Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP, Fapesp/ EDUC, 2000.
- PINEAU, Gaston. O sentido do sentido. In: Nicolescu, B. *et.al. Educação e Interdisciplinaridade*. Brasília: Unesco, 2000.
- PINEAU, G.e LE GRAND, JL. *Les Histoires de Vie*. Paris: PUF, 2002.
- POLLACK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. São Paulo: *Revista dos Tribunais Estudos Históricos*, nº 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho - Algumas reflexões sobre ética na história oral e depoimentos. *Revista Projeto História nº15 - Ética e História Oral*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. Departamento de História PUC-SP: EDUC, 1997.
- QUINTÁS, Alfonso. *El Secreto de una Enseñanza Eficaz*. (paper/sd) Madri, Universidade Complutense.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: Ferreira, M.& Amado, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- SANTOS, Boaventura Souza. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Revista Projeto História nº 15 - Ética e História Oral*. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado. História oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Bibliografia complementar

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Zahar. Rio de Janeiro: 2005. Tradução: Carlos Alberto Medeiros.
- BOBBIO, Norberto. *O Tempo da Memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOSI, Alfredo. O tempo os tempos. In Novaes, A. (org). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRESCIANI, S; NAXARA, M.(org.) *Memória (res) sentimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Memória e história do Holocausto. *Revista Cult*. junho/1999.
- DAMÁSIO, António R. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Tradução: Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FERREIRA, Marieta M; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- LE GRAND-SÉBILLE, Catherine. Como se lembrar de um lugar de segredo? *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. PUC/SP. São Paulo, Educ - Fapesp, nº 17, 1998.
- LEIBING, A; Benninghoff-Luhl,S. *Devorando o tempo*. Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarin, 2001.
- NIETHAMER, L. Conjunturas da identidade coletiva. Projeto História - *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo: Educ - nº 15, abril 1997.
- NOVAES, Adauto (org). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- PERELMUTTER, D; ANTONACCI, M. A. (org.). Projeto História - *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo: Educ - nº15, abril 1997.
- WEINRICH, H. LETE. *Arte e crítica do esquecimento*. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Recebido em 27/09/2006
Aprovado em 15/03/2007

Para citar este trabalho:

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. Memória (auto) biográfica como prática de formação. *Revista @mbienteeducação*, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html. Acesso em: __/__/__